



Editorial

INFORMAÇÃO AINDA NÃO É CONHECIMENTO, E ESTE AINDA NÃO É SABEDORIA.

Editorial

Elinaldo Pereira Nascimento
João Paulo Petronílio
Valmir Jesus dos Santos

Elinaldo Pereira Nascimento elinas@usp.br

Mestrando em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sob orientação da Profa. Dra. Andréia Vieira Abdelnur Camargo. Bolsista CAPES. Músico, pesquisador, compositor, produtor musical, diretor musical, diretor artístico, poeta e arte-educador.

João Paulo Petronílio petronilio@usp.br

Artista da dança, pesquisador de performance-ritual e vive em Salvador (BA). Doutorando em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Bolsista (CNPq), sob orientação da Profa. Dra. Helena Bastos. Mestre em dança pelo programa de pós-graduação em dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) (Bolsista CAPES). É bacharel e licenciado em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Valmir Jesus dos Santos valsantos@usp.br

Doutorando em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), sob orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Ramos. Mestre em Artes pela ECA-USP (2009). Bolsista CAPES. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) (1990). Jornalista, crítico teatral e editor do site Teatrojornal – Leituras de Cena.

Ngamumenekena!¹

A contrapelo da branquitude, de cosmovisões hegemônicas patriarcais e eurocêntricas que impregnam o cotidiano acadêmico e nos diversos ambientes da sociedade, autoras e autores pretas, pretos e pretes afro e negrorreferenciados são preponderantes e necessários nesta edição da *Revista Aspas*.

Este presente número corresponde à segunda parte do nosso dossiê temático que versa sobre o título: *Raça, cena e corporeidades*. Dessa forma, o periódico vem a público sob a égide da chamada para artigos, em que os editores, turno após turno conclamam “pensar o amplo espectro de práticas, performances, metodologias e processos pedagógicos e outras atividades circunscritas na dimensão das relações étnico-raciais nas artes cênicas². “E isso diz respeito às pesquisadoras e pesquisadores empenhadas e empenhados nestes dois números em compartilhar algumas das “transversalidades que constituem a cena e as corporeidades dinamizadas no argumento estético e político” (Aspas, 2023). Turno após turno, reunião após reunião, num árduo trabalho de diálogo e decisão acerca dos textos escolhidos, fechamos essa edição com uma série de reflexões desencadeadas sobre este processo. Entre elas, registra-se aqui a dificuldade desde o início em encontrar pareceristas (das pessoas já registradas no sistema) negros e negras — ou mesmo pessoas não-negras — que ainda tivessem uma sensibilidade e conhecimento em relações étnico raciais no âmbito das artes e em estudos afro e negro referenciados, de modo que pudessem ser tecidas análises justas e construtivas sobre os artigos submetidos a análise. Se tratou de um garimpo intenso, com muitos insucessos, que nos fez questionar mais sobre diversidade no ambiente acadêmico, do mesmo modo como o prisma do “o outro”³ ainda recai sobre as exploradas cosmogonias afro diaspóricas e indígenas

1. “Saudações”, na língua kimbundu. Saudação que significa respeito e também pode significar: “eu te vejo”, a depender do contexto. (Trad. Elinaldo Pereira Nascimento).
2. Trecho presente, assim como o seguinte, na chamada para publicação deste número. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/announcement/view/1614>
3. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2018), Frantz Fanon, importante intelectual, psiquiatra e filósofo político martinicano, sugere que o colonizado é constantemente definido em relação ao colonizador, sendo visto como o oposto, o inferior, o “não-eu”. Essa construção do “outro” serve para justificar a dominação colonial e a exploração dos recursos e da cultura do povo colonizado. Nesse caso, os povos africanos.

da cultura brasileira, reforçando comportamentos, violências e estereótipos na sociedade civil. Não à toa, em tempo, antes do fechamento deste editorial, um de nossos editores foi vítima de um ato racista dentro da universidade, realizado por uma pessoa egressa da academia. Reitera-se aqui que uma coisa não isola a outra, tampouco quando estamos falando de presenças e existências negras e indígenas dentro de um espaço que muitas vezes serviu (e serve, em algumas estâncias), num passado recente, como instrumento de reificação de existências não-brancas.

Desde a chamada à finalização e publicação deste número, o intuito é o de, assim como tantas outras iniciativas com este fim, conclamar para o aquilombamento⁴ (Nascimento. 2019.). Aquilombar, para nos enxergarmos e reconhecer-nos como uma grande comunidade em nossas cosmopercepções⁵ diversas. Em modos de perceber, ler e se escrever no mundo, de pensar com o corpo em sua completude. Onde o corpo, a mente e o espírito estão em constante ação e transformação e não são reduzidos e isolados num pensamento binário cartesiano, e sim, circunscrevem-se numa perspectiva epistemológica plural, que tem o diálogo entre os saberes como tradição e contradição constituídas no tempo.

Partindo desse parâmetro, a jornada pelo pensamento crítico nas páginas seguintes abre-se com uma provocadora e mais que especial entrevista concedida para este número, junto à poeta, ensaísta, dramaturga e Profa. Dra. Leda Maria Martins, intitulada: **“Irradiação de múltiplos e polissêmicos saberes: uma conversa com Leda Maria Martins”**.

4. Abdias do Nascimento, destaca que o aquilombamento não se limita apenas aos espaços físicos, mas se manifesta em diversas esferas da vida, como a cultura, a política e as relações sociais. Para ela, “cada cabeça é um quilombo”, o que significa que cada indivíduo carrega em si a capacidade de resistir e construir novos mundos. Abdias, na leva de outros pensadores brasileiros, como a própria Beatriz Nascimento, foi fundamental para ressignificar o termo “quilombo”, expandindo-o para além de sua conotação histórica e transformando-o em um símbolo de resistência, identidade e construção de novas formas de sociabilidade.

5. O termo “cosmopercepção” está associado à filósofa nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí. Ela é uma das principais defensoras da descolonização do conceito de “cosmovisão”, argumentando que este termo, com suas raízes europeias, privilegia a visão como sentido principal e não leva em conta as diversas formas de percepção presentes em outras culturas.

Rainha do Reinado do Rosário do Jatobá⁶, Martins é professora aposentada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e atuante em estudos com ênfase em teatro, dramaturgia, performance e interlocuções entre a literatura e outros sistemas semióticos. Entre eles, as linguagens da dança, da música e das performances rituais⁷. Em diálogo com o ator e doutorando em Educação pela UFMG, Denilson Alves Tourinho, Martins disserta nos dando um panorama sobre sua obra, acerca de como povos colonizados, assim como nós nas Américas, fomos forjados sob as epistemologias do conquistador. A autora leva-nos a refletir que os saberes tanto dos povos africanos quanto dos povos indígenas não apenas sobrevivem, mas permanecem e se reconstroem na tradição — e em suas possíveis traduções — por meio do complexo sistema das oralidades, no que a própria Leda cita como *oralituras*. Oralidade, aqui, é uma extensa produtora de conhecimento, com a mesma força da palavra escrita (Martins, 2003)⁸. Trata-se de “O corpo como lugar de inscrições do saber e da memória”, aferindo ainda nesta entrevista que “[...] Muito da nossa experiência, seja como pessoa, seja como intelectual, nos demonstra a permanência desses saberes na própria formação de grande parte da sociedade brasileira, principalmente dentre nós, negros”.

Trilhando caminhos singulares nas artes desde meados da década de 1980, a pensadora aborda aspectos de sua biografia — alinhados à poesia, à pesquisa em culturas populares e às artes visuais — bem como tangencia lugares por onde passou e revela influências importantes para a construção de sua obra. Comenta o paradoxo da repercussão tardia de sua tese: *A cena em sombras* — defendida em 1991 na UFMG e publicada em 1995 pela Editora Perspectiva — e somente cerca de 30 anos depois reconhecida como importantíssima nos estudos das artes negras. Obra posteriormente reeditada em 2023⁹, na esteira do

6. O Reinado é uma manifestação popular sacra, sincrética entre o catolicismo e as religiões de matrizes africanas, que se baseiam em rituais envolvendo, sobretudo, performances de dança e música. Já a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, fundada no século XIX, é uma importante confraria negra com sede em Belo Horizonte, localizada no bairro Itaipu.

7. Entre algumas de suas obras, cabe aqui citar: *Performances do Tempo Espiral: Poéticas do Corpo - Tela* (2021), *A Cena em Sombras* (1995) e *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário de Jatobá* (1997).

8. É possível ler mais em: Martins (2003), assim como em algumas das obras citadas anteriormente.

9. Obra reeditada pela mesma editora, Perspectiva, na coleção *Debates*, no ano de 2023. Esta segunda edição apresenta uma nova introdução intitulada: “Uma Vez, um Livro”, que versa sobre a insurgência do corpo performático na contemporaneidade.

surgimento de outros livros e homenagens à intelectual que sempre esbanjou inquietude em seus escritos, falares, cantares e dançares. Leda nos conta ler palavras desde os 4 anos, numa vida a cultivar um desejo de aprender que nunca cessou. A artista-pesquisadora ancora-se na ancestralidade e na consciência de que — assim como nos inspiramos no título, “a informação ainda não é o conhecimento e que o conhecimento, ainda não é a sabedoria.” A sabedoria está inscrita para além das literaturas empilhadas em repositórios mundo afora. A tessitura de suas respostas e perguntas aprofundadas no diálogo de Tourinho nesta encruzilhada de conhecimentos, nos inspira a refletir a importância de reeditar a direção da pesquisa em artes em seus caminhos e instrumentos para além das ferramentas impostas pelo sistema colonizatório ao qual estamos.

É preciso sair do lugar do “o outro.” Cindir a linguagem num cântico contracolonial. Nas palavras de Antônio Bispo dos Santos¹⁰, quando perguntado “*Como podemos contracolônizar falando a língua do inimigo?*”, tendo respondido: “*Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las [...] Vamos botar mais palavras dentro da língua portuguesa. [...] Temos que enfeitiçar a língua*” (Dos Santos, 2023, p. 3-4). No mais, essas palavras afropindorâmicas¹¹, enfeitiçadas por Leda Maria Martins, nos entretecem e conduzem-nos à sequência dos artigos aqui apresentados em suas distintas gradações.

“**A arte da direção no teatro tradicional africano**” é a tradução/colaboração de pensata inédita em português do artista-pesquisador Fabiano Lodi, escrita pelo Prof. Dr. Tekena Gasper Mark, do Departamento de Estudos de Teatro e Cinema da Universidade do Estado de Rios, em Port Harcourt, Nigéria. O texto foi publicado originalmente em inglês, na *Journal of Research on Humanities and Social Sciences*¹², em 2017, e antecipa algumas das sínteses de conteúdos desenvolvidos pelo autor no livro *Directing*

10. Considerado um dos maiores intelectuais do Brasil, Nêgo Bispo, como era popularmente conhecido, foi um filósofo, poeta, escritor, professor, líder quilombola e ativista político brasileiro.

11. A denominação afropindorâmicos para designar a resistência de povos quilombolas, negros e indígenas, é uma sugestão do líder quilombola e escritor Nêgo Bispo, o Antônio Bispo dos Santos. O termo pindorâmicos, ligado ao nome dado a sua terra por povos tupis, é uma alternativa ao termo indígena, empregado pelo colonizador.

12. Disponível em: <https://www.iiste.org/Journals/index.php/RHSS/article/view/40145>

the play (2023)¹³. São articuladas análises e descrições sobre nuances de direção no teatro tradicional africano em contraponto ao teatro ocidental. Em seu estudo, Gasper salienta que: “[...] analisei o conceito de direção teatral, tipos e qualidades da diretora/do diretor, e tentei situar a direção, os aspectos mais e menos favoráveis e as características do teatro tradicional africano”. Com base nas abordagens da análise de conteúdo da metodologia de pesquisa qualitativa, o autor examina os “índices de direção”, em performances tradicionais africanas extraídas do *Teatro Tradicional Itinerante Alarinjo Yorubá* e da *performance Nji-Owu* da cidade de Opobo, situada no estado de Rios, também na Nigéria. Tekena ainda disserta que “[...] Embora a maioria dos estudiosos ainda mantenha a noção de que não existe direção teatral no teatro tradicional africano, com este estudo, no entanto, tento elucidar essa noção errônea mantida pelos simpatizantes do teatro ocidental”. O autor ainda argumenta em suas considerações finais que o continente africano está repleto de “[...] muitas nuances teatrais que, até agora, foram negligenciadas, especialmente pelo meio acadêmico [...]”, entendendo que as “performances tradicionais africanas estão começando a ganhar a devida atenção frente à crescente necessidade de estudos sobre como estas manifestações culturais resistem e desafiam as forças da globalização nesta era pós-moderna”. O pesquisador Fabiano Lodi nos conta que entrou em contato com o texto em 2021 e o estudou obstinadamente, dada a “contribuição significativa que esta obra pode trazer para ampliarmos as referências sobre o trabalho de diretoras e diretores contemporâneos em África” assim como a argumentação de que “as discussões sobre processos, técnicas, metodologias e toda sorte de construções teóricas sobre direção que remontam a centenas de anos atrás, incluindo o período pré-colonial”. Para tal finalidade, obteve autorização de Mark, que supervisionou todo o processo e solicitou que houvesse um tratamento atualizado na linguagem para este número, assim como notas explicativas, para que a leitura pudesse ser mais acessível ao público brasileiro.

13. “Além de documentar as técnicas de direção dos principais diretores ocidentais, [...] ele documenta os estilos de direção de *Ola Rotimi* (um dos principais dramaturgos da Nigéria) e de outros diretores da África Ocidental, bem como as técnicas de direção de diretores do Sul, do Norte e do Leste da África” (tradução desta nota de rodapé: Elinaldo Pereira Nascimento). Original disponível em: https://www.researchgate.net/publication/372731604_Directing_the_Play

A versão de Lodi conta com a revisão da atriz, pesquisadora e arte-educadora, Liliana Junqueira.

Trazendo pontos de conexão com esse texto, o artigo **“Mulherismo africana: práticas solares para trazer luz a uma teatralidade rebelde possível”**, da Profa. Dra. na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e do Instituto de Pesquisa Pretos Novos no Rio de Janeiro, Aza Njeri; e do doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Murilo Gaulês, visa friccionar possíveis intersecções entre o fazer contemporâneo nas artes da cena e as filosofias africanas e afro diaspóricas a fim de localizar potenciais contribuições destas para com a luta anti-prisional brasileira. São consideradas práticas fundamentadas no mulherismo africana, abordagem contracolonial inspirada em estratégias matrigestoras de reumanização. Ambos artistas-pesquisadores relatam viver a experiência periférica nos territórios da Baixada Fluminense e da zona norte paulistana, respectivamente; e o testemunho de presenciarem pessoas de suas comunidades serem encarceradas.

Seguindo o contexto urbano, sabe-se que na cultura hip-hop a expressão *crew* designa a forma de grupos ou coletivos de *breaking*¹⁴. As dificuldades de uma *crew* formada só por mulheres, entrelaçadas a argumentos históricos sobre como se chega a essa situação e, ainda assim, existir e resistir, são tratadas no artigo **“Pipocando na hora do fervero: a matripotência no breaking”**, da mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Louise Lucena de Oliveira (Ifádámiláre Òjèyímiká); e da Profa. Dra. no mesmo setor e instituição, Maria de Lurdes Barros da Paixão. Elas conjugam relato autobiográfico e análise de entrevista com a *crew Bsbgirls*, de Brasília, DF, enquanto exercício reflexivo-crítico e afro referenciado, de maneira a sulear os caminhos percorridos.

Conseqüentemente, em **“Uma escrita para Kalemba: entrecruzamento de memórias do chão do terreiro e a prática-poética em dança afrodiaspórica”**, a doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Carolina Luisa Bastos Santos

14. O *breakdance* ou *breaking* é um estilo de dança urbana, parte da cultura do hip hop criada por afro-americanos na década de 1970 na cidade de Nova York.

propõe um recorte de pesquisa de campo em andamento que aborda narrativas de memória pessoal e saberes e fazeres de rezadeiras do terreiro Bate-Folha, casa em atividade desde 1916 no bairro da Mata Escura do Retiro, em Salvador, Bahia. O artigo intenta revelar poeticamente de que maneira essas mulheres desenvolveram suas práticas-poéticas em contato com vivências de religiosidade e fé, abarcando Candomblé de nação Congo-Angola e demais variantes estéticas e culturais.

Promovendo interface com o audiovisual, **“O jogo épico de Grace Passô como comentário crítico a sua personagem em *Praça Paris*”**, do doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Multimeios no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Eduardo Bordinhon, analisa o jogo da atriz Grace Passô no filme citado em seu título, dirigido por Lúcia Murat e estreado em 2018. A intenção é verificar como a intérprete de uma das protagonistas, Glória, ascensorista em uma universidade no Rio de Janeiro e vítima de violências doméstica e do Estado, subverte a qualidade naturalista que rege o jogo do restante do elenco, produzindo um distanciamento crítico a respeito de sua personagem e das circunstâncias sociais em que ela está inserida. Dessa forma, analisa o pesquisador, a atriz rompe com um dos estereótipos construídos para representar mulheres negras no cinema brasileiro e propõe, por meio de um gesto autoral, um novo olhar acerca do papel em tela.

Em **“Performances invisíveis”**, a doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) Fernanda Carla Machado proporciona um recorte de tese homônima defendida em 2019. Trata-se de uma escrita performática autoetnográfica sobre como as vivências durante a pesquisa foram contaminando o seu corpo e criando ações como intervenções no cotidiano. Para isso, ela parte da aproximação entre a técnica teatro invisível, de Augusto Boal, e da performance segundo o entendimento de Diana Taylor e Josette Féral, tendo por objetivo provocar reflexões sobre o corpo da mulher na sociedade contemporânea. Inseridas no dia a dia das pessoas — discorre a investigadora — as performances invisíveis podem ser lidas como um dispositivo que permite a inserção de uma “ficção” na realidade.

Já a análise em “**Danças familiares pretas: breves conceituações**,” do Prof. Dr. na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Victor Hugo Neves de Oliveira, empenha-se em responder o que são e como se estruturam e constituem as expressões que o autor elege como escopo. Discute a inadequação de conceitos que historicamente invisibilizam as poéticas pretas. Apresenta a ideia das danças familiares como epistemologias anticoloniais, estruturadas por meio da recomposição de ocorrências coreográficas. Para isso, infere alguns parâmetros: o ato de dançar como prática de ensino; a imersão ou a convivialidade como dimensão do processo de aprendizagem; e a vinculação entre a experiência e a ancestralidade.

Enfim, eis o caminho da leitura! Que os movimentos da entrevista, da tradução e dos artigos costurados nesta segunda edição da *Revista Aspas*, sirvam para complementar e ampliar a visão das escrituras e oralituras no corpo-tela e na memória. E que possam, enfim, suscitar uma boa coreografia reflexiva para todes.

REFERÊNCIAS

- DOS SANTOS.** Antonio Bispo. A terra dá, a terra quer. Editora UBU. 2023.
- FANON, Frantz.** Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.
- MARTINS, L.** Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, SC, n. 26, p. 63-81, jun.2003.
- NASCIMENTO,** Abdias. O Quilombismo. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.